

DOSSIÊ CINEMA E EDUCAÇÃO

UMA RELAÇÃO SOB A HIPÓTESE DE ALTERIDADE

Adriana Fresquet

Faculdade de Educação

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Co-coordenadora da Rede KINO: Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual

E-mail: adrifres@uol.com.br

Introdução: Por que um dossiê sobre a hipótese-cinema?

Era esperável que a primeira vez que a Revista Contemporânea de Educação apresentasse um dossiê sobre cinema e educação, o fizesse de um lugar mais amplo, que abarcasse, de um modo geral, uma multiplicidade de opções. Especificar este dossiê obedece a uma escolha prévia de uma forma específica de relação, a da hipótese de alteridade sugerida pelo ministro de Educação Jack Lang, no seu projeto de “fazer arte” nas escolas públicas da França entre 2000 e 2005. Bergala, como responsável pela consultoria de cinema, conseguiu condensar sua experiência e reflexão sobre o cinema como um “outro”, um estrangeiro que provoca a instituição escolar com o ato criativo. Ele fala no lugar do cineasta, do professor e do pesquisador. Neste dossiê, desejamos ler e dar a ler diversos diálogos entre os colegas e alunos sobre esta hipótese, eles indicam a fertilidade de uma proposta que abre horizontes e inspira a diversidade. Como afirma o poeta Bartolomeu Campos de Queirós, em um diálogo pessoal e tácito com Bergala: “a arte deve criar divergência, se produz convergência ou consenso não é arte, é dogma”.¹

Têm sido publicados excelentes trabalhos sobre cinema e educação em várias revistas, nos últimos dois anos, especialmente em Educação e Realidade, Dossiê Cinema e Educação (Vol 33, Nro 1/2008) e em Salto para o futuro: Cinema e Educação um espaço em aberto (Ano XIX, Nro 4; maio 2009). Percebemos como este espaço de fronteira entre saberes e práticas se multiplica e especifica com intensidade. Para este dossiê, recebemos tantos textos dialogando com a obra de Bergala que faremos uma proposta dupla, isto é, este será o primeiro de dois volumes sobre a

¹ Comunicação pessoal, Belo Horizonte, 21 de maio de 2010, 10h.

hipótese-cinema. Isto reflete com eloquência a qualidade e quantidade de produção intelectual, estética e política gerada a partir desta obra, dentro e fora do país.

Bergala traz, como Lumière, luz e invenção. Sua contribuição para a educação diversifica imagens, sons e possibilidades de montagem que vão além do cinema. O livro que serve de eixo principal deste dossiê é *L'hypothèse cinéma. Petit traité de transmission du cinéma à l'école et ailleurs* (BERGALA, Alain; 2006), algo assim como Hipótese-cinema, pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Nele, o autor descreve a experiência e reflete sobre a introdução de cinema nas escolas durante o projeto *La Missión (2000-2005)*, coordenado por Jack Lang (Ministério da Educação) e Catherine Tasca (Ministério da Cultura), em que se propôs fazer arte nas escolas, tentando driblar o “ensino das artes”. Mas como isso seria possível? Sem receitas, o livro está cheio de chaves, sequer secretas, muitas delas apenas anunciadas. Todas constituem verdadeiras pistas e dicas para o “fazer” e para a reflexão. Cada página é como uma porta que nos leva ao encontro de outros conhecimentos como por passagens. Suas infinitas referências criam curiosidade e despertam o desejo de saber mais, de ir atrás dos autores citados, dos críticos de cinema, dos filmes – difíceis de achar –, multiplicando exponencialmente as quase 200 páginas, já fartas de riqueza. Bergala inspira a pesquisa. Ele é apenas o começo, mas quem lê sua obra sente logo a necessidade de conhecer mais sobre Jean-Luc Godard, Serge Daney, Carl Theodor Dreyer... sobre outras artes, inclusive.

Bergala propicia um novo começo. Ele nos leva ao início do cinema e sugere que ele comece de novo, com cada criança, em cada experiência simples de produção de um plano vivenciado com a intensidade de uma primeira vez. Essa vivência tem a força da descoberta, a intensidade do tempo, de sentir o tempo e o mistério da surpresa do que emerge como novo no encontro com o mundo.

Ele demonstra como, ao fazer um simples plano, como faziam os irmãos Lumière, é possível passar pela experiência dos três gestos cinematográficos, que são intelectuais também. A *escolha*, a *disposição* e o *ataque*, são gestos recorrentes na pré-produção, na produção e na pós-produção. Extrapolar sua intensidade para o universo da educação é apenas um exemplo da luz do que chamamos a potência pedagógica do cinema.

Bergala ativa um motor de transformações. Desde o título do livro, encontramos uma proposta que nos convida a pensar a possibilidade do encontro do cinema com experiências de aprendizagem dentro e fora da escola. Ele incita a pensar diversas formas de impregnação do cinema, que eu ousaria dizer para além do outro, estrangeiro. É um outro potente que se encontra

com uma escola, muitos anos mais velha, porém fértil, e com uma aparência um pouco seca e bastante desvitalizada. O encontro é verdadeiramente amoroso, ele a permeia, impregnando-a de vida, fecundando diferentes possibilidades de desdobramentos e produtos (pesquisa, ensino, extensão, projetos vários).

O cinema dá vida à escola. Mas não apenas à escola.

Bergala e a UFRJ, uma aproximação de filiação

O cinema, como hipótese, vem nos inspirando desde 2007 na UFRJ. Especificamente na Faculdade de Educação, nos apropriamos dessa ideia criando. Um grupo de pesquisa se debruçou sobre sua obra desenvolvendo seminários em diálogo permanente com a Cinemateca e seu acervo – para o qual foi assinado um convênio –, e o deu a conhecer através de atividades de extensão e ensino diversas. Com tamanha inspiração, foi simples que emergisse logo uma Escola de Cinema Infanto-juvenil no Colégio de Aplicação da UFRJ, em horário extracurricular, que já está em seu 3º ano, onde se pretende fazer uma introdução a algumas experiências de cinema como arte. De acordo com alguns professores, também foram organizadas projeções de filmes em sala de aula, no horário regular, e promoveram-se análises críticas e *criativas*, isto é tentando vivenciar as emoções do autor, dando vez e voz aos estudantes, crianças e adolescentes, para pesquisar a infância/adolescência no espaço/tempo escolar. Pensando em outras formas de impregnação, fizemos alguns ensaios de projetar cinema nos recreios e, para não colidir com o barulho e sonoridade do recreio escolar, escolhemos o cinema mudo, que interagiu ludicamente com esse momento. Os menores até criaram outras brincadeiras, fazendo jogos de luz e sombra sobre a tela de projeção. Funcionários, professores, licenciandos e todo um universo de pessoas que habitam o espaço escolar ficaram encantados com a mágica e a poesia do cinema dos primórdios. A biblioteca do CAp/UFRJ se abriu ao projeto para cuidar do espaço e socializar a pequena filmoteca dos *cem filmes*. Também criou-se um cantinho para os alunos verem e reverem filmes, com fones de ouvido, a fim de não atrapalhar o silêncio desejável nesse espaço. E, para não deixar famílias, vizinhos da escola e comunidade fora desta experiência do cinema, foi criado um Cineclube que, em alguns sábados, contou com a presença de cineastas e personalidades para ver e falar de cinema, quebrando barreiras de geração e formação.

Bergala não aposta tanto na formação cinematográfica do professor, quanto no encontro do professor com o artista. Seguindo este critério, promovemos diversos eventos acadêmicos e culturais que colocaram educadores e cineastas em diálogo acerca dos limites e possibilidades do

encontro do cinema com a educação. Alain Bergala nos prestigiou com a sua presença com duas palestras no II Encontro Internacional de Cinema e Educação da UFRJ e abrindo a I Mostra da FE/UFRJ no MAM: *Retrospectiva Kiarostami-Erice: outras correspondências*. Esta foi inspirada na mostra *Correspondances*, concebida pelo Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona e idealizada por Alain Bergala e Jordi Balló (diretor de exposições no CCCB de Barcelona). Eles promoveram uma correspondência entre esses dois diretores de cinema com estéticas tão próximas e, inclusive, nascidos no mesmo ano, 1940, e criados sob regimes políticos totalitários, porém desconhecidos um para o outro. Assim, a proposta consistiu em estabelecer uma correspondência de oito cartas filmadas entre os diretores – quatro de cada – que contaram sua infância um para o outro. Na mostra *Correspondance*, estas cartas filmadas foram expostas junto com alguns trechos de filmes dos dois diretores e objetos de arte sobre a infância (esculturas, pinturas) Esta mostra inaugurou no CCCB de Barcelona, depois foi para Paris, no Centre Cultural Pompidou e, finalmente, para Sidney. Diante da impossibilidade material de trazê-la para o Rio, realizamos uma mostra com filmes na íntegra dos dois diretores e promovemos uma correspondência de cartas filmadas por crianças contando algo de sua infância e seu lugar, com o formato dos planos de Lumière, como propõe Bergala. Assim, ele mesmo fez a abertura da I Mostra Mirim de Minuto Lumière, no marco das mostras que a FE/UFRJ promove na Cinemateca a cada fim de ano no Museu de Arte Moderna, da qual participaram crianças de todo o Brasil, Espanha, Estados Unidos, Alemanha, Itália e Argentina. Este ano, esperamos promover a 3ª mostra, em que receberemos novas correspondências de estudantes de Educação Básica com planos de um minuto, falando de sua infância e seu lugar.

Em 2009, sentimos que o título ainda nos reservava uma pendência. O dentro e “fora” da escola indicava algo ainda por fazer. A universidade e a cinemateca já são “fora da escola” –inclusive uma das formas de sair da escola foi levar as crianças da Escola de Cinema do CAp/UFRJ à Cinemateca do MAM. Elas desvendaram seus segredos de texturas, cheiros, imagens, sons e também o frio das câmeras de conservação. Esta experiência sensorial de aprendizagem do outro universo do cinema animou professores e alunos a se aproximar dos cineastas, querer saber mais sobre sua vida e obra e tentar o encontro. Muitos encontros aconteceram, revertendo um aparente desinteresse inicial diante dos papéis amarelados do Setor de Documentação da Cinemateca do MAM-Rio (cartazes, matérias de jornal, catálogos...).

Esse sentimento do “ainda por fazer” fez com que levantássemos os olhos para ver algum outro “fora da escola”. Nos seminários de pesquisa, a cada segunda-feira, estudamos esta hipótese e diversos artigos e capítulos de outros livros do mesmo autor. Fazer, registrar e investigar

algumas experiências do cinema na escola e recriá-las nas atividades de ensino e extensão nos fez identificar essa necessidade: a de uma vivência outra, que trouxesse algo da tensão da relação da arte com a vida. Esse foi o motivo de procurar o Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira da UFRJ. No contexto hospitalar, as atividades apenas têm sido testadas, mas o retorno tem atingido uma intensidade superior à da escola, de fato. Essa experiência nos fez pensar em Tistu, *O menino do dedo Verde*, de Maurice Druon, que tudo o que tocava transformava em planta e, como não conseguia aprender na escola – onde não ficou – partiu para uma forma de aprendizagem diferente, visitando diversos espaços. Assim, a cada passo, ele aprendia e transformava o espaço do jardim zoológico, do hospital, da cadeia... A impressão é dessa natureza. O cinema dá vida ao hospital, anima as crianças doentes e produz um gesto de criação em que a vida se debate com a morte. Acreditamos que o cinema ainda tenha muito a oferecer a outros setores do hospital e também a espaços onde seja possível transformar a convivência apesar das diversas formas de opressão institucional (cadeias, asilos, orfanatos, etc.).

Bergala trouxe a figura do passador (*porteur*) cunhada por Serge Daney, convidando todos os professores a virarem passadores que acompanham quem aprende – a subirem uma montanha ou atravessarem um rio a nado – correndo os “mesmos riscos”. Em intensa sintonia, o poeta já citado, comentando os diálogos possíveis entre a educação e o cinema, disse: “precisamos nos transformar em *atravessadores*, o professor é aquele que se pergunta quem é essa criança, de onde ela vem, o que ela traz, e o que ela sonha para acompanhá-la e encaminhá-la em direção dos seus sonhos”.

Bergala tem sido um verdadeiro *porteur* e tem nos acompanhado nesta primeira travessia, correndo diversos riscos, como por exemplo, arriscando a tradução de sua obra e autorizando uma primeira impressão – não vendável – para seu lançamento, enquanto tentamos negociar os direitos com os *Cahiers du Cinema*. Até o momento, só fizemos uma primeira tiragem, de cem livros, que foram integralmente doados a alguns professores de escolas públicas presentes no II Encontro de Cinema e Educação da UFRJ e a algumas bibliotecas públicas universitárias. A tradução já foi encaminhada para inaugurar a coleção editorial da *Rede Kino: Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual*, e esperamos que seja lançada em breve por uma prestigiosa editora nacional.

Sua passagem pelo Rio de Janeiro nos deixou intensas lembranças e ainda alguns materiais didáticos audiovisuais que, este ano, continuamos a pesquisar e que inspiram também a

realização de produções próprias com materiais latino-americanos para auxiliar o professor que pensa em fazer cinema como arte na escola ou fora dela.

Leituras e diálogos com Bergala

A leitura da hipótese-cinema produz diversidade. Como a metáfora, ela permite uma apropriação livre e democrática abrindo caminhos de pesquisa, ensino e extensão. O presente dossiê traz leituras que mobilizarão ao leitor para a re-leitura e para a escrita.

Neste volume, temos dois artigos que fazem uma reflexão histórica, política e estética de diferentes pontos de vista. Marília Franco, da Universidade de São Paulo, aborda especificamente a *Hipótese-cinema e seus múltiplos diálogos* – a relevância das relações entre cinema, sociedade e educação desde o início do século XX, para compreender o lugar de onde surge o projeto de formação audiovisual no contexto escolar. A professora paulista parte da hipótese de Bergala para problematizar o consumo audiovisual estrangeiro a que somos submetidos e as consequências na concepção de alteridade como fundamento da educação escolar. Ela estabelece um diálogo tácito entre Alain Bergala e Edgard Roquete Pinto, diretor do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), criado em 1937 dentro do Ministério de Educação e Saúde, cujas consequências e desdobramentos são de fundamental importância para a reflexão sobre as possibilidades do cinema na escola hoje. Rosália Duarte e Marcus Tadeu apresentam *A dimensão político/educativa das opções estéticas nos manifestos fundadores do cinema como arte* e propiciam uma reflexão a partir de textos fundadores que ratificam o cinema como arte. Os autores identificam neles a presença de elementos constitutivos do processo educativo, compreendido, em sentido amplo, como formação e socialização. Eles também defendem que o cinema, como toda arte, é pedagógico em si mesmo.

Fazer cinema na educação: uma utopia em construção é a contribuição do professor Carlos Eduardo Miranda da UNICAMP que estréia uma experiência do cinema em escolas públicas de Campinas inspirado nas leituras desta hipótese.

De fora do Brasil, recebemos um trabalho da Universidade de Buenos Aires, que trata da *Produção de cinema nas escolas de Buenos Aires: Visitando esta experiência com olhos de alteridade*, da professora Débora Nakache, coordenadora do programa “*Medios en la Escuela*”, do Ministério de Educação do Governo da capital argentina. A autora relata sua experiência de fazer cinema nas escolas públicas de Buenos Aires e faz uma reflexão dupla, sobre o lugar da aprendizagem situada e sobre a hipótese de alteridade. Da Espanha, recebemos o trabalho de

Romina Perez Toldi, que desenvolveu o artigo sobre *Alfabetização midiática e estonteamento*. O texto relaciona a leitura de dois livros: o *Mestre Ignorante*, de Jacques Ranciere, e o texto da *hipótese-cinema*, de Bergala. Ele pretende evidenciar que haveria uma subestimação, por parte do aluno ou espectador, da capacidade de quem pretende alfabetizar midiaticamente.

Um aluno da primeira turma de Cinema e Educação do programa de pós-graduação em Educação da UFRJ, Bruno Bahia, fez uma análise de um dos DVDs da coleção de L'Eden, organizada por Alain Bergala, que inclui o filme *Onde fica a casa do meu amigo*, de Abbas Kiarostami, e uma entrevista de Bergala ao diretor do filme, analisadas sob a luz desta hipótese. Com este trabalho, é possível ratificar a importância de se ter uma filmoteca em toda escola, para que alunos e professores possam ver e rever filmes. A opção de assistir novamente pelo menos um trecho de um filme que nos impactou poderia ser garantida por todas as escolas no recreio ou na biblioteca. Gisela Pascale Leite e Marina Rodrigues, alunas do programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ, encaminharam uma resenha para orientar o leitor que não conheça a obra e seduzi-lo a uma leitura completa. Elas fazem uma boa seleção de tópicos essenciais do livro e recortam alguns trechos para ilustrar a força das palavras escolhidas e a força que o professor e a escola têm para democratizar o acesso à arte e o encontro da infância com o cinema o mais cedo possível.

Ainda incluímos um texto neste volume, que sem falar diretamente da hipótese, nos permite sentir o seu espírito, trata-se do Encontro com Pierre: educação, cinema e narrativa na formação docente, da professora da UnB Laura Maria Coutinho e sua orientanda, Patrícia Barcelos.

Cezar Migliorin, da Universidade Federal Fluminense, escreveu o *posfácio*, uma verdadeira síntese política e estética do trabalho de Alain Bergala, como fechamento do dossiê, alertando para a potência do cinema, especialmente no ponto de encontro com a educação.

Desejamos a todos uma boa leitura dos textos desse dossiê, em que os autores dialogam criativamente com a hipótese-cinema de Alain Bergala. Esperamos que, da leitura destes artigos, surjam novos projetos para fazer cinema com crianças e jovens dentro e fora da escola.

Referências bibliográficas:

BERGALA, Alain. *L'hypothèse cinéma. Petit traité de transmission du cinéma à l'école et ailleurs*, Paris: Cahiers du Cinema, 2006.